

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

46

INSCRIÇÕES 206-209



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1994

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do
CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra

Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja

Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos

Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto “VBI ERAT LVPA”
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

ARA VOTIVA IDENTIFICADA EM AVIS
(*Conventus Pacensis*)

Foto 206

Ara votiva romana de granito acastanhado, de grão fino, achada, em 1987, por um tractorista da Cooperativa 1.º de Maio no sítio do Castelo, junto à Herdade de Bembelide (propriedade da Companhia Agrícola do Maranhão), freguesia de Maranhão, concelho de Avis. A epígrafe foi caiada e reutilizada no Monte, guardando-se actualmente num espaço do antigo convento de Avis, identificado como «museu» e pertencente à Câmara Municipal de Avis.

O capitel apresenta-se, actualmente, liso na sua parte superior e falta-lhe uma porção do lado esquerdo. Divide-o do fuste molduração constituída por três toros de larguras sensivelmente iguais. A inscrição ocupa o fuste e as letras mantêm os resíduos da caiação feita. A base está praticamente intacta, apresentando moldura do tipo garganta reversa.

Dimensões: 54 x 27,5/23 x 19

Campo epigráfico: 39,5 x 19/23.

RVFINV/S · RVFI F(*ilius*) / BANDI·S|A|SABR|⁵O · V(*otum*)
A(*nimo*) L(*ibens*) S(*olvit*).

Rufino, filho de Rufo, cumpriu o voto de livre vontade a Bande Saisabro (?).

Altura das letras: 3. Espaços: 1 a 5: 1,5; 6: 8,5.

Embora pareça existir alinhamento à esquerda, o certo é que houve pouco cuidado na paginação, não se respeitando as sílabas na translineação. A concentração do texto na parte superior do fuste indicia, porém, que deveria ser lido de um ângulo superior, ou seja,

que o monumento se destinava a ser colocado no solo sem qualquer outro suporte. Pontuação correcta; ausente, porém, na fórmula final.

Caracteres actuários, irregulares, largos, a denotar inclinação dominante para a frente (veja-se, a título de exemplo, o traçado do S).

Na l. 1, já se não distingue a segunda barra do F, o mesmo acontecendo no final da l. 2, onde a gravação nos parece atabalhoada. A maior dificuldade reside, porém, na leitura — e consequente interpretação — do epíteto da divindade: temos fortes dúvidas em determinar as duas primeiras letras e a penúltima da l. 4.

O monumento vale, sobretudo, por oferecer mais uma prova da popularidade do deus Bande e da extensão do seu culto até ao Sul do Tejo, circunstância não documentada até ao presente, na medida em que os testemunhos mais meridionais se haviam achado ainda dentro dos limites do *conventus Scallabitanus*⁽¹⁾.

Enquanto outra ara, mais nítida, dedicada ao mesmo númen não for, porém, identificada ou justificada desta uma leitura mais credível, será prematuro tecer considerações acerca do etnónimo por que se designava a população que a divindade protegia.

O dedicante — cuja menção antecede a do teónimo, como noutros casos acontece — identifica-se à maneira indígena (um só nome seguido do patronímico), utilizando nomes de origem latina, muito frequentes, aliás, em áreas peninsulares de onomástica predominantemente pré-romana: trata-se de antropónimos com um significado concreto (*rufus*, «o ruço», «o loiro»), sendo normal a atribuição do diminutivo ao filho.

A fórmula votiva final é também vulgar.

Um monumento que, pelas características textuais, dataríamos de meados do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

JOSÉ RAFAEL CORREIA DA SILVA

⁽¹⁾ Cf. ENCARNAÇÃO, (José d'), «Divindades Indígenas da Lusitânia», *Conimbriga* 26 1987 5-37. Um dos referidos documentos (dedicado a *Bandua Etobrico* — *ibidem*, p. 19) veio da região de Alenquer e o outro (invocando *Bannei Picio* — *ibidem*, p. 20) de Belver (Gavião).



Foto 206

ARA A BELONA, DE SANTA EULÁLIA (ELVAS)
(*Conventus Emeritensis*)

FOTO 207

Ara votiva, de granito regional, amarelado, cum muita pátina. Foi achada, em Agosto de 1993, no leito seco da barragem do Caia, no meio das pedras que serviam de base ao altar, em ruínas, da antiga capela da invocação de Santa Catarina, na Herdade da Lentisca (ou da Rocha), freguesia de Santa Eulália, concelho de Elvas⁽¹⁾.

O monumento foi, pois, adaptado a elemento de construção. Cortaram-lhe e picaram, por isso, a parte superior do capitel e toda a molduração da base. Do capitel resta um primeiro toro a que se segue um outro, maior, e uma faixa directa. Embora gastas por efeito da reutilização, as letras da inscrição — sita, como habitualmente, na face dianteira do fuste — lêem-se com relativa facilidade, excepto na sua parte final.

Encontra-se à guarda do seu achador, o primeiro subscritor destas linhas.

Dimensões: (72) x 34/32 x 27/22,5.

Campo epigráfico: 49 x 32.

VALGIVS / M̄ARCI F(*ilius*) / A·RAM BE/L·LONAE /
⁵ DE VO·TO [POS]V[I]T̄ [?]

Válgio, filho de Marco, colocou o altar a Belona, por voto.

Altura das letras: 1. 1: 5/6; 1. 2: 4,5/6; 1. 3: 4/6; 1. 4: 4/5; 1. 5: 4/5,5; 1. 6: 4/4,5. Espaços: 1: 1/1,5; 2: 2/3; 3: 3/4; 4: 2/1; 5: 1; 6 e 7: ?

O texto parece ter-se distribuído por todo o campo epigráfico, sem haver, contudo, uma especial preocupação de paginação cui-

(1) Já o P.^e Henrique da Silva Louro (in *Freguesia de Santa Eulália*, Évora, 1969, p. 6) afirmara que esta capela assentava sobre construções romanas.

dada. Nota-se um certo alinhamento à esquerda, mas a irregularidade do traçado das letras (motivada, certamente, pela rudeza do suporte granítico) e dos espaços denota trabalho artesanal.

Não há vestígios de pontuação. Regista-se, porém, na 1. 2, a existência verosímil do nexu MA, apesar de a circunstância de o A surgir sem barra transversal nos puder suscitar a dúvida acerca da intenção da sua real gravação. Os caracteres são actuários, a denotar mesmo uma minuta feita sem auxílio de régua ou esquadro: V de vértice arredondado, G (provavelmente) a enrolar para dentro, R aberto, L de barras curtas.

Na 1. 1, não obstante o desgaste ocorrido ao nível da terceira letra, afigura-se-nos credível a reconstituição do antropónimo *Valgius*. Já mais dúvidas poderá oferecer a leitura da 1. 5, onde seria de esperar a expressão, mais vulgar, EX VOTO: parece-nos, todavia, vislumbrar na pedra restos do D e do E a que se segue um espaço; também o T está quase imperceptível.

Na 1. 6, a ocorrência de um V e do que consideramos o resquício de um T final leva-nos a propor a reconstituição da forma verbal POSVIT, mais consentânea com o formulário corrente: *aram posuit*.

É, de facto, a estrutura do texto o primeiro aspecto que chama a atenção nesta epígrafe: encabeça-o a menção do dedicante, vem depois a identificação da oferenda, seguida do teónimo em dativo e, a concluir, a fórmula votiva. Não é caso raro na epigrafia da Lusitânia (2), explicável se pensarmos que a ara se destinava a ser colocada no santuário da divindade, onde a distinção a fazer seria mediante a referência ao dedicante (3).

Merece destaque o modo de identificação do dedicante; trata-se de um indígena cuja família já detinha algum convívio com a realidade sociocultural romana, o que se encontra bem patente na escolha do nome, *Valgius*. É que *Valgius* exerce, na vulgar onomástica latina, as funções de gentílico: regista-se, por exemplo, na epigrafia da *civitas Igaeditanorum*, uma *Valgia Flaccilla* home-

(2) Há bastantes exemplos na epigrafia votiva a Endovélico; cf. ENCARNÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, p. 804.

(3) Cf. as considerações a este propósito exaradas em: ENCARNÇÃO (José d'), «O culto ao Génio no Noroeste peninsular», *Cadernos de Arqueologia*, série II, 2, 1985, pp. 41-49 (sobretudo pp. 45-46). A existência, detectada no local, de aras anepígrafas e de pedras molduradas, actualmente sob a barragem do Caia, torna esta hipótese mais verosímil.

nageada por um conimbricense⁽⁴⁾. Robert Étienne e Georges Fabre sugerem, na obra citada (p. 57), que a adopção peninsular desse gentílico de origem itálica pode ter ligação com *C. Valgius Rufus*, que foi cônsul no ano 12 a. C. O caso vertente não infirma — antes pelo contrário — esta sugestão. O prestígio do cônsul, que foi poeta elegíaco, pode ter induzido os pais, indígenas, a darem ao filho este nome sonante, usando-o, porém, como nome único⁽⁵⁾. O contacto já mais convivido com a realidade romana, a que nos referimos, documenta-se também no facto de o patronímico (*Marcus*) ser latino e não estar ainda grafado em sigla, como seria normal, mas por extenso⁽⁶⁾.

É, porém, a circunstância de se tratar de dedicatória feita por um indígena a uma divindade clássica romana, Belona, a deusa da guerra, que torna singular esta epígrafe, porquanto se regista não muito longe, no termo de Norba e de Trujillo, uma excepcional concentração de testemunhos do seu culto⁽⁷⁾. Ricardo Hurtado (*o. c.*, p. 140) chega mesmo a pôr a hipótese de este culto, cuja origem oriental é conhecida, ter sido trazido «pelos soldados que haviam lutado sob as ordens de Sula contra Mitridates e que tiveram de combater depois com Metelo na guerra sertoriana»; como se sabe, foi Metelo quem ergueu, junto a Cáceres, o acampamento denominado *Castra Caecilia*. Belona teria conquistado, por isso, muitos adeptos entre a população indígena, uma vez que, nas epígrafes encontradas, o elemento indígena é preponderante.

O modo de identificação do dedicante, as circunstâncias de propagação deste culto e a simplicidade clássica da molduração incitaram-nos a datar o monumento dos princípios do século I da nossa era.

T. DANIEL MACIEL
M. JUSTINO MACIEL
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

⁽⁴⁾ AE 1967 183, ILER 5304, *Fouilles de Conimbriga* II, n.º 29.

⁽⁵⁾ Não estamos, em boa verdade, perante um *nomen* frequente na Península: cf. ENCARNAÇÃO (José d'), *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais, 1994, pp. 56-57, que estuda um outro testemunho de Cascais. Também não têm sido frequentes novas ocorrências, a darmos crédito ao consignado em *L'Année Epigraphique* de 1961 a 1980 (LASSÈRE, Jean-Marie, *Tables Générales...*, Paris, 1992, p. 192): apenas mais uma (*Valgia Silvilla* — AE 1980 147).

⁽⁶⁾ Cf. CIL II, p. 1199, onde se refere este antropónimo como «nomen sive cognomen hominum peregrinorum».

⁽⁷⁾ Cf. HURTADO DE SAN ANTONIO (Ricardo), *Corpus Provincial de Inscripciones Latinas (Caceres)*, Cáceres, 1977, p. 377; e *Veleia* 10 1993 169-170.

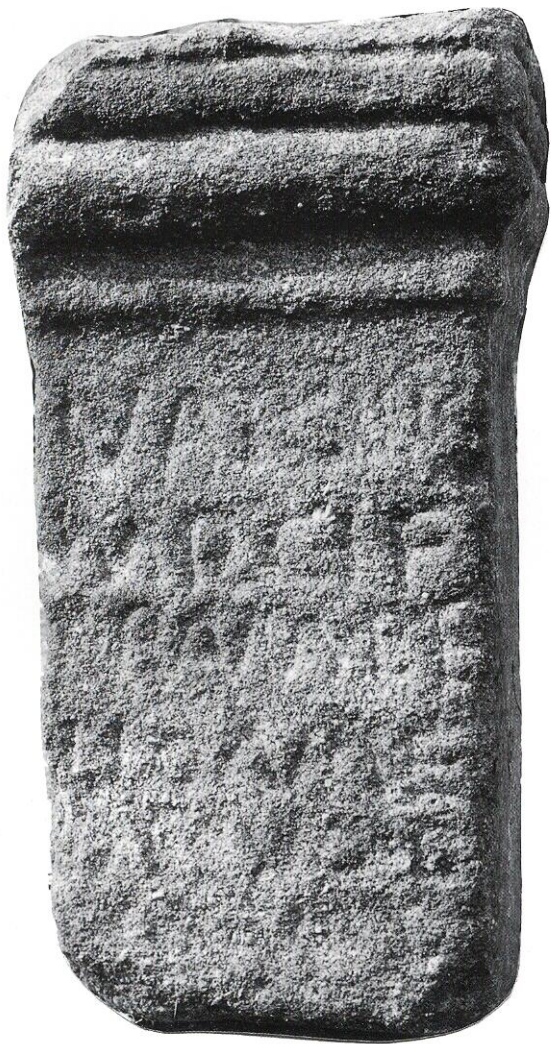


Foto 207

PLACA MONUMENTAL ROMANA
DE PORTO DE MÓS
(*Conventus Scallabitanus*)

FOTO 208

Guarda-se no Museu Municipal de Porto de Mós (n.º de entrada: 485), oferecida por Joaquim Carreira Franco, a metade direita de uma placa monumental romana, de calcário regional, achada, há uns setenta anos, quando se preparava o terreno para plantação de vinha, na chamada «estação romana»⁽¹⁾ de Santo Estêvão, junto a Fonte Oleiro, freguesia de S. João, concelho de Porto de Mós.

A peça foi reutilizada como soleira ou como lintel de porta, pois ostenta, na face posterior, o buraco do gonzo bem como um sulco longitudinal resultante dessa reutilização. Não foi desgastada nem em cima nem à direita: somente o campo epigráfico, obtido por rebaixamento, se apresenta bem polido, o que indicia que a placa se destinava a ser embutida num edifício, apenas deixando à vista a inscrição.

Dimensões: (42) x (40) x 21.

Campo epigráfico: 36,5 x (37).

[...V]S · ARCONIS (*filius*) / [...J]VS · TAGANI (*filius*) / [...]I
· LAPIDEM / [...] D(ono) D(ederunt).

(...), filho de Arcão, (...) filho de Tagano, ofereceram a lápide (...)

Altura das letras: l. 1: 5,2/5,4; l. 2: 4,7 (T=6); l. 3: 4,5/4,7; l. 4: 4,4.
Espaços: 1: 2,7; 2: 3,4; 3: 3,5; 4: 3,4/3,5; 5: 4.

⁽¹⁾ A designação justifica-se pelo achado de inúmeros materiais de construção romanos, designadamente fragmentos de fustes lisos de colunas. Diz-se que a pedra retirada deu para empedrar três poços. O local deveria, pois, ser objecto de cuidada prospecção.

A paginação foi, sem dúvida, extremamente cuidada, sentindo-se a presença de linhas de pauta que permitiram a grande regularidade de todo o conjunto, que terá obedecido, certamente, a um eixo de simetria, a julgar pelo espaçamento das letras na 1. 4. A equidistância dos espaços interlineares indicia que a placa deveria estar colocada praticamente à altura dos olhos. Pontuação por meio de pontos triangulares desenhados de forma e posições diferentes — ausente, por desnecessária, na referida 1. 4.

Letras monumentais quadradas (com alguma tendência actualária, aqui e além) a denunciar os primórdios do século I da nossa era: O bem circular; S simétrico; A de barra levemente oblíqua que não toca a perna da direita; R feito a partir do P — que é aberto — com a perna ligeiramente ondulada; T mais alto que as demais letras para facilitar a paginação e com a barra preciosamente terminada, à direita, por um leve traço levantado; G de haste vertical breve.

Na 1. 1, faltarão um nome, que poderá ser masculino, uma vez que um pequeno rasgo ainda subsistente antes do ponto é susceptível de se interpretar como pertencente a um S. Na 1. 2, o V reconstitui-se bem porque dele resta um trecho da haste da direita. Na 1. 3, pensamos que a leitura I não oferece dúvidas: tratar-se-á do genitivo relativo a *lapidem*. Na 1. 4, a reconstituição D(e) S(ua) P(ecunia) D(ono) D(ederunt) afigura-se-nos bastante plausível.

Estaríamos, por conseguinte, perante um monumento oferecido por dois indígenas de que apenas se conhecem os nomes dos pais⁽²⁾. Só o achamento da outra metade da epígrafe nos resolveria a incógnita: que monumento? A sua identificação estaria, decerto, no genitivo da 1. 3. Uma pesquisa exhaustiva de frases idênticas (um genitivo seguido da palavra *lapidem*) poderia trazer alguma luz,

⁽²⁾ *Arco* é, como se sabe, um nome com fortes conotações peninsulares (cf. IRCP, p. 401), que amiúde se regista como patronímico. Na epigrafia de Idanha-a-Velha, documenta-se pelo menos quatro vezes: cf. ALMEIDA (D. Fernando de), *Egitânia*, Lisboa, 1956, n.^{os} 30, 31, 63 (=ILER 4843) e 105 (=ILER 3902).

Taganus surge também numa inscrição de Idanha (AE 1967 176; ILER 4857), por duas vezes, e, no feminino, em Val de la Casa (Salamanca, ILER 4909) e em Talavera de la Reina (ILER 5272 = CIL II 897). É antropónimo naturalmente formado a partir do hidrónimo *Tagus*, o rio Tejo (cf. M.^a Lourdes ALBERTOS FIRMAT, *La Onomastica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Betica*, Salamanca, 1966, p. 217) e detém, por isso, uma conotação geográfica precisa, denunciadora da naturalidade. Um dos casos em que o adjectivo da linguagem corrente se transforma em nome próprio.

tendo em conta também o espaço disponível que, como dissemos, nos parece ser sensivelmente igual ao existente. Até ao momento, porém, nada encontrámos de semelhante.

D D, pela paginação e pelo contexto, não pode ter outro desdobramento senão o que apontámos. Por conseguinte, a oferta foi de uma «lápide». E que significará lápide? Uma pedra com inscrição? Estará o singular usado em vez do plural? Ou a parte pelo todo?

A oferta duma inscrição parece-nos hipótese pouco convincente, designadamente se pensarmos que a epígrafe deveria figurar, solene, num monumento. Por conseguinte, «lapidem» deverá ser o edifício em si, estando a parte pelo todo ou, se preferirmos, a matéria («pedra») pelo objecto («edifício»), imagem estilística a que se dá o nome de sinédoque. Acrescente-se que — se esta interpretação vier a ter-se como válida — aumenta o alcance cultural do monumento, o que não contrastaria, de resto, com os dados que a epigrafia romana da região já nos deu a conhecer⁽³⁾.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JOSÉ BELEZA MOREIRA

⁽³⁾ Publicámos, na edição de 5-3-1992 de «O Portomosense», uma primeira notícia, com foto, acerca da importância deste achado.



Foto 208

FRAGMENTO DE PLACA FUNERÁRIA ROMANA DE SOBRAL DO CAMPO (CASTELO BRANCO)

FOTO 209

Na freguesia do Sobral do Campo, concelho de Castelo Branco, há perto de sessenta anos, foi achado, como material reaproveitado, durante o desmantelamento de uma fonte chafurda, um fragmento de uma espessa placa, moldurada, de granito amarelado de grão médio, com o que resta de um texto funerário. Guarda-se presentemente na Casa Ribeiro do Rosário, em Sobral do Campo.

O fragmento corresponde à parte superior direita da placa que conteria, no mínimo, quatro linhas de texto. O campo epigráfico era delimitado por uma moldura de meia cana de aproximadamente 4 cm, bordeada por um filete, que ainda podemos ver na parte superior do suporte, onde mede 3,5 cm de largura. Certamente com o fim de ser adaptada como material reutilizável, a face epigrafada do suporte foi parcialmente picada, o que danificou o texto abaixo da 1. 3 e, à esquerda, parte das 1. 2 e 3.

Dimensões: 42 x 39 x 21.

[...]A[^] ARANTO / [...] IRMON[^] IS /³ [...] IT M / [...] L(?)

Altura das letras: 6,5 a 7; 0=5. Espaços interlineares: 1.

Ainda são visíveis traços horizontais das linhas de orientação da escrita. Os AA não apresentam a barra horizontal. A barra horizontal do T é constituída não por um único traço mas por dois segmentos, que partem, cada um, da ponta superior da haste vertical da letra. Existem dois nexos, NT e NI. O campo epigráfico não aparenta ter tido nem *hederae* nem *puncta*.

Considerando a onomástica⁽¹⁾ e a estrutura formular dos epitáfios romanos da região⁽²⁾, sugerimos a seguinte restituição textual:

[Auni]a Aranto/[ni f(ilia) Firmo F]irmonis / ³ [f(ilius) fec]it m(atri) vel [fec]it m(onumentum) / [h(ic) s(ita) e(st) s(it) t(ibi) t(erra)] l(evis)⁽³⁾.

Para este texto arriscamos sugerir, pela paleografia, uma datação hipotética que o situaria entre o último quartel do séc. I e os meados do séc. II.

Agradecemos vivamente aos nossos colegas arqueólogos, Dr. José Mateus, que nos indicou o achado, e Eng. Fernando Patrício Curado, a quem solicitámos o trabalho de fazer o primeiro reconhecimento da peça.

MARIA MANUELA ALVES DIAS

(1) Cf., v.g., M PALOMAR LAPESA, *La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*, Salamanca, 1957; M. L. ALBERTOS, *La onomástica personal primitiva de Hispania — Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966; ID. *Nuevos antropónimos hispánicos*, “Emerita” XXXII (1964), p. 209-252, ID., “ibid” XXXIII (1965) p. 109-143; ID. “ibid”, XL (1972), p. 1-29 e 287-318. Para *Firmo* cf. tb. CIL II, 836 e 2327. V. ainda H. SOLIN; O. SOLOMIES, *Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinorum*, Hildesheim, 1988 e I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsinki, 1965.

(2) Cf., v.g., F. de ALMEIDA, *Egitânia — História e Arqueologia*, Lisboa, 1956; e, também, a documentação epigráfica romana da região que vem sendo publicada no “Ficheiro Epigráfico”.

(3) Ou, dado o aparente grande espaçamento dos caracteres nesta linha, simplesmente *s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*, à semelhança da inscrição funerária publicada em F. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 233-234 e fig. 163.



Foto 209